



1. **Untitled 1814/2**, 2019  
Caneta sobre papel  
150 × 38 cm
2. **Untitled (Winter series)**, 2019  
Fogo e verniz sobre contraplacado  
200 × 46,5 cm
3. **Untitled (Winter series)**, 2017  
Fogo e verniz sobre contraplacado  
218 × 153 cm
4. **Untitled 640/2**, 2019  
Caneta sobre papel  
150 × 38 cm
5. **Untitled 3269/3 (lifeline series)**, 2019  
Caneta sobre papel  
150 × 38 cm
6. **Untitled (Winter series)**, 2018  
Fogo e verniz sobre contraplacado  
218 × 153 cm
7. **Untitled (Winter series)**, 2019  
Fogo e verniz sobre contraplacado  
200 × 46,5 cm
8. **Untitled 3332/2 (Lifeline series)**, 2019  
Caneta sobre papel  
150 × 38 cm
9. **Untitled (Winter series)**, 2019  
Fogo e verniz sobre contraplacado  
200 × 46,5 cm
10. **Untitled (honey series)**, 2018  
Fogo e verniz sobre contraplacado  
218 × 153 cm
11. **Estudo**  
**Untitled (Sweet series)**, 2019  
Açúcar e verniz sobre contraplacado  
e estudos em caneta sobre papel  
200 × 70 cm

- a. **Banda sonora original**, 2019  
**(Un)dancing skeleton**  
– Não acontece este esqueleto dançar  
André Gonçalves
- b. **Banda sonora original**, 2019  
**Lifeline series**  
André Gonçalves com  
colaboração de Casper Clausen
- c. **Banda sonora original**, 2017  
**Winter series**  
André Gonçalves
- d. **Banda sonora original**, 2018  
**Honey series**  
André Gonçalves
- e. **Banda sonora original**, 2016  
**Sweet series**  
André Gonçalves

A sala117 é uma galeria e plataforma de disseminação de práticas artísticas contemporâneas. Num cruzamento entre linguagens, suportes e processos distintos, a galeria apresenta-se cada vez mais dedicada ao apoio e promoção do trabalho de artistas emergentes. Fundada em 2016 na cidade do Porto, o seu programa inclui exposições e projectos curatoriais dos artistas representados, assim como pesquisa e divulgação de jovens artistas portugueses e internacionais.

**(Un)dancing skeleton**  
não acontece este esqueleto dançar  
28.06–14.09.2019

direção artística Olinda Magalhães  
curadoria Hugo Dinis  
produção Bela Lachter  
design gráfico Black Unicorns  
fotografia Filipe Braga

Rua Damião de Góis 200  
4050-222 Porto, Portugal  
mail@sala117.com  
www.sala117.com

(UN)

RUI  
SOARES  
COSTA

dancing

28.06  
—14.09

não acontece  
este esqueleto  
dançar

skeleton

A sala 117 apresenta a primeira exposição individual no Porto do artista Rui Soares Costa (1981). Intitulada **(Un)dancing skeleton**, o projecto curatorial tenta desvelar como o método de trabalho do artista é revelador de uma performatividade. Através de um contido movimento do corpo, se permite intuir linguagens artísticas edificantes e promissoras. A exposição é uma oportunidade de visitar algumas séries de trabalhos apresentados anteriormente — **Honey Series**, **Winter Series** e **Sweet Series** —, bem como mostrar o mais recente trabalho que o artista tem vindo a realizar: **Lifeline Series**. Serão igualmente exibidas as quatro bandas sonoras da autoria do músico André Gonçalves que acompanharam cada série. Também será apresentada uma banda sonora original, composta para a ocasião pelo músico, que alberga, como um emaranhado de sons, o conjunto das bandas sonoras anteriores. Ao enunciar num mesmo espaço as quatro séries distintas de trabalho artístico, e ao pontuar o espaço expositivo com uma mesa que enuncia o atelier, tentar-se-á notar que o fio condutor da metodologia que o artista tem vindo a desenvolver é, em si mesmo, um processo que, apesar de metódico e cerebral, pertence a um corpo sensível e imprevisível.

As obras **Sweet Series**, apresentadas em 2016, são meramente enunciadas por um apontamento na já referida mesa de trabalho do atelier. Trata-se de uma série realizada com açúcar a que se junta verniz formando desenhos em diferentes tonalidades. Através da utilização do material orgânico, açúcar, e considerando que se trata de uma matéria mutável com a passagem do tempo, esta série de trabalho expõe não só a vulnerabilidade dos corpos matéricos, como também a memória do gesto passado que lhe deu a origem. O facto de esta obra se encontrar inserida numa mesa em que constam outros elementos do processo de trabalho do artista, como pequenas notas com números, cadernos, canetas, etc., reforça o carácter de referência à memória do gesto que produz as obras, ou seja, a leve reacção entre o açúcar e o verniz. A música que acompanha esta série cria um ambiente orgânico numa **música eterna** que é concebida de forma a nunca se repetir.

Recorrendo a outra ferramenta não convencional, o fogo, o artista desenvolve desde 2017 as obras **Winter Series**. Tendo em conta que o fogo, enquanto gesto transformador de matéria pode ser igualmente destruidor e gerador — por um lado, queima o contraplacado de madeira; e por outro, revela desenhos, uns aleatórios outros controlados — é um constante inventor de uma nova linguagem artística. Estas obras são realizadas através de duas ferramentas gestuais fundamentais: maçarico e acendalha líquida. Com a primeira ferramenta — maçarico — o gesto pode ser expansivo, ou seja, a queima é mais intensa e chega a fazer rasgões no contraplacado, ou pode ser mais controlado, em que é possível desenhar linhas directas que se aproximam de uma escrita precisa e atenta ao seu próprio desenho. Ambas as situações são realizadas através de um corpo que coreografa o mesmo gesto em mínimas oscilações. Com a segunda ferramenta — acendalha líquida — a combustão da madeira é feita num gesto indirecto que desenha o não visível da obra, ou seja, o negro é realizado através do fogo que rodeia a acendalha líquida. Neste sentido, apesar do gesto realizado ser revelador de uma intenção, o resultado final é livre e, até, descontrolado. É nestas duas experiências diferenciadas que se desenvolve uma promessa de um novo conhecimento sobre o corpo, nomeadamente, sobre os seus limites e os seus alcances.

As obras **Honey Series**, apresentadas em 2018, são realizadas recorrendo a diferentes vernizes incolores colocados sobre madeira. O jogo entre o brilho e a opacidade, entre as diversas camadas, entre o reflexo do espectador e a sua ausência, faz com que esta série de trabalhos tenha vindo a reflectir sobre a visibilidade e a

invisibilidade. Contudo, mais que revelar os objectos ou os efeitos presentes na obra — tratam-se de formas simples como quadrados ou texturas — o movimento ou o gesto tanto do artista ao realizar a obra como do espectador ao vê-la, torna-se o centro de uma performatividade que se excede na obra presente. Esta oscilação entre a revelação e a ocultação é em si mesma a obra que se apresenta.

Esta ideia de performatividade, entendida como o movimento para se realizar e/ou para ver a obra, está também presente nas obras **Lifeline Series**, que têm ocupado grande parte da investigação que o artista tem vindo a realizar desde 2017. Através da execução de linhas direitas e paralelas entre si, extremamente próximas, mas que nunca se tocam, realizadas a caneta muito fina, o artista executa um movimento contínuo e repetitivo que preenche o seu próprio significado. Trata-se do momento em que a passagem do tempo se intemporaliza e se vê refém da sua mortalidade e do seu fim. O desenho destas linhas contínuas, como uma história de vida compactada no momento em que é desenhada, com diferentes percalços ou acasos ou desconfortos, torna estas obras mediações entre o gesto que o artista promove e o olhar do espectador que percorre esse registo ou essa história.

Retomando a mesa de trabalho presente na exposição, é possível ver pequenos apontamentos que indicam números. Trata-se da contagem do número de linhas desenhadas e do número de canetas utilizadas para realizar cada desenho da **Lifeline Series**. Esta contabilização precisa, formal e meticulosa, quase científica, parece entrar em dissonância com a superfície inebriante e sensível dos poéticos desenhos. Contudo, através da fisicalidade do fogo da **Winter Series**, da mutabilidade do açúcar da **Sweet Series** e da invisibilidade da **Honey Series**, o corpo da obra de Rui Soares Costa revela-se uma intensa coreografia sentimental que parece esvaziar o seu próprio tempo para o oferecer aos seus espectadores. A passagem da carne que cada obra carrega transforma o gesto num esqueleto dançante.

Junho 2019, Hugo Dinis

**Rui Soares Costa**  
(Lisboa, 1981)

Vive e trabalha em Lisboa. Entre 2000 e 2003 Estudou Pintura no Ar.Co, Lisboa. Em 2005, fez a licenciatura em Psicologia Social, no ISPA. Em 2009 realizou o doutoramento em Psicologia Social no ISCTE, em Lisboa e na University of California, Davis, E.U.A. Entre 2009 e 2012 teve uma bolsa de pós-doutoramento em Neurociência Social entre a Universidade de Lisboa e a Princeton University, E.U.A.

Desde 2013 trabalha em exclusivo como artista plástico. Realizou em 2016 a sua primeira exposição a solo, **Sweet Series**, no Museu Nacional de História Natural e da Ciência em Lisboa.